

Trabalho Individual Final

Ação: AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS – refletir sobre as práticas avaliativas

Turma: 1

Formanda: Susana Raquel Marques Pereira Ferreira

Formador: Joaquim Morgado

Entidade formadora: Centro de Formação de Associação das Escolas de Matosinhos

Local: Matosinhos

Data: Março - Julho 2014

Apresentação:

O presente trabalho foi realizado no âmbito da ação de formação *Avaliação das aprendizagens dos alunos- refletir sobre as práticas avaliativas* e tem como objetivo apresentar um balanço do trabalho desenvolvido ao longo das oito sessões.

Desenvolvimento:

No dia 26 de Março, na primeira sessão, partimos da legislação que regulamenta o processo de avaliação para discutirmos alguns dos seus elementos chave: finalidade, objeto, metodologia e intervenientes. Estas questões gerais foram essenciais para *sintonizar* todo o grupo naquele que constituía o tema da ação: *avaliação das aprendizagens dos alunos*.

Na segunda sessão, foi-nos proposta a leitura do texto *Avaliação criterial e normativa* e de parte do capítulo III do Decreto-Lei n.º 139/2012. Desta vez, debruçámo-nos sobre questões mais particulares e centrámo-nos em dois tipos de avaliação: a criterial e a normativa. Foi interessante ficar a conhecer estes dois conceitos, até à data desconhecidos para mim e procurar, igualmente, vê-los traduzidos na legislação em vigor e em situações concretas do percurso escolar dos nossos alunos.

No dia 21 de Maio, voltámos a encontrar-nos para discutir uma modalidade de avaliação: a diagnóstica. Foi importante retomar alguns dos conceitos que tinham sido abordados nas sessões anteriores e só depois partir para questões relacionadas diretamente com a avaliação diagnóstica. Discutir a finalidade com que esta é realizada e de que forma são utilizados os resultados permitiu-nos repensar os motivos que estão subjacentes à realização de qualquer tipo de atividade diagnóstica. Foi também interessante discutir em grupo como poderia ser construído um manual, que uniformizasse as práticas na escola.

Uma semana depois, esteve presente o professor António Padrão que nos apresentou as quatro gerações de avaliação, levando-nos a refletir sobre qual seria o nosso posicionamento. Foram clarificados alguns conceitos como mediação, classificação e avaliação e depois foi lançada a questão mais polémica: o peso que devem ter as atitudes e valores dos alunos na avaliação. Em grupo pudemos discutir este último

tema e apercebemo-nos da complexidade na tomada de decisão em relação a este assunto.

Na quinta sessão foi abordado o tema da avaliação formativa a partir da leitura de dois textos, dos quais gostei particularmente. O primeiro incidia nos princípios da avaliação formativa como processo contínuo e interativo que permite regular a aprendizagem e (re)adotar estratégias que facilitem e promovam a progressão dos alunos. De forma sucinta e bastante clara, o texto mostrou-nos como e quando se pode operacionalizar esta modalidade de avaliação. No segundo texto, a autora Leonor Santos sublinha a importância de atribuir ao aluno um papel ativo nos processos de (auto)regulação e apresenta alguns exemplos, perfeitamente factíveis de estratégias e intervenções que o professor pode e deve utilizar para desenvolver nos seus alunos a sua autoavaliação regulada.

Na sexta sessão foi curioso ficar a conhecer os diferentes componentes que a OCDE indica para uma avaliação formativa de sucesso. Partindo da necessidade de diversificar instrumentos no processo de avaliação, lembrámos alguns deles e discutimos a importância de definir critérios e indicadores para que possamos avaliar com maior facilidade e com maior rigor. Neste último ponto, tive algumas dificuldades em operacionalizar estes conceitos, questão que ficou resolvida na última sessão, altura em que voltámos a abordar este tema.

A nove de julho, numa sessão não presencial, foi proposta a leitura de quatro textos de apoio e a análise de fragilidades em itens apresentados. Esta documentação deveria estar disponível para todos os professores, uma vez que todos utilizam, num ou outro momento, o teste escrito como ferramenta para avaliar os alunos. As tarefas onze e doze permitiam-nos pôr em prática a parte teórica e rever a forma como elaboramos os nossos testes escritos.

Na última sessão foi revista a forma como devem ser formulados critérios e o formador apresentou uma lista de verificação para avaliar um relatório de uma visita de estudo. Creio que este exemplo veio facilitar a compreensão desta prática e a realização da tarefa 13. Acredito que no futuro será mais fácil para todos construir documentos deste tipo. Lembrámos também os objetivos da avaliação sumativa e, em grupo, discutimos se devemos integrar num período letivo a classificação de períodos anteriores e de que forma. Esta última tarefa revelou-se interessante, mas bastante complexa e concluímos que não é fácil definir uma fórmula.

Conclusão:

Na avaliação que fiz da primeira sessão, dizia que se perguntarmos a um docente qual a tarefa de que menos gosta ou na qual se sente menos à vontade, muitos responderão que é avaliar, pois nem sempre é fácil atribuir uma classificação a um aluno. Nessa altura referi também que, uma vez que a avaliação é parte integrante do trabalho de um professor, é necessário perceber quais as ferramentas de que dispomos e como devemos utilizá-las para podermos avaliar melhor. Esta formação foi ao encontro deste meu primeiro comentário.

Ao longo das várias sessões, partindo de noções gerais para questões mais particulares e práticas, fomos (re)aprendendo e refletindo sobre as nossas práticas avaliativas. Apesar de haver conceitos que julgávamos conhecer bastante bem, como o da avaliação diagnóstica ou formativa, verificámos que há nuances que lhes estão associadas que muitas vezes não consideramos, comprometendo a qualidade e fiabilidade do processo avaliativo. Foi muito positivo fazer esta reflexão a maior parte das vezes em grupo, pois assim pudemos discutir diferentes pontos de vista, trocar experiências e refletir em conjunto.

Em modo de conclusão, posso afirmar que com esta formação vários conceitos revestiram-se de uma nova e maior importância para mim. Considero que agora conheço melhor as ferramentas de que disponho e que práticas devo desenvolver para poder avaliar os meus alunos, tornando-os agente desse processo e promovendo o seu desenvolvimento e sucesso das suas aprendizagens.